

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

### PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Suzanna Neves FERREIRA (PPGE/UNESP)<sup>1</sup>

Andréia Nunes MILITÃO (UEMS/UFGD)<sup>2</sup>

**RESUMO:** A pesquisa em tela analisa as representações das professoras da educação básica acerca do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório, investigando os desafios enfrentados ao acompanhar os estagiários da licenciatura em Pedagogia. O estudo apresenta dados que as professoras da educação básica compartilharam sobre sua atuação no processo de formação inicial dos licenciandos. Questiona-se: receber e supervisionar estagiários na sala de aula é uma opção da professora da educação básica? Qual a importância que ela atribui ao seu papel na formação dos estagiários? A professora da educação básica recebe orientações para acompanhar os estagiários? Sente-se preparada para desempenhar essa função? A investigação, de abordagem qualitativa, utilizou entrevistas como técnica de coleta de dados. Foram entrevistadas 16 professoras da rede pública do município de Jataí-GO, que recebem e acompanham estagiários em suas salas de aula. Os dados analisados neste artigo fazem parte de uma pesquisa de mestrado concluída em 2019 e foram tratados com base na análise de conteúdo, segundo Bardin (1977). Os resultados revelam ausência de diálogo e planejamento conjunto entre escola e universidade, a falta de orientações específicas para acompanhar os estagiários. Apesar desses limites, a maioria das professoras entrevistadas afirmou sentir-se preparada para receber estagiários, baseando essa percepção principalmente na experiência profissional acumulada ao longo dos anos. Tal constatação reforça a importância do reconhecimento da escola como espaço de formação e das professoras da educação básica como formadoras.

**Palavras-chave:** formação de professores; licenciatura em pedagogia; educação básica.

#### 1 Introdução

O estágio no Brasil é regulamentado pela Lei nº 11.788/2008, que dispõe sobre essa atividade educativa. Conforme o art. 3º, §1º, “O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. A presente pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Paranaíba, com apoio do Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação (PIBAP). E-mail: suzanna.pedagogia@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: andreiamilitao@ufgd.edu.br

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

[...]. Portanto, o estágio é um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação dos estudantes para o exercício profissional. Os estágios podem ser organizados em diferentes modalidades, conforme previsto na referida lei: estágio obrigatório, não obrigatório, remunerado e não remunerado.

Esta pesquisa investiga o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório (ECSO) na formação de professores. Trata-se de um momento formativo que envolve a escola e a universidade, por meio do trabalho do professor orientador da universidade, do professor da educação básica - que recebe e acompanha o estagiário em sua sala -, do estagiário - professor em formação inicial - e dos alunos da educação básica. Este artigo foca especificamente à professora<sup>3</sup> da educação básica, que, à luz da Lei nº 11.788/2008, seria a supervisora da parte concedente. São apresentados aqui dados parciais de uma pesquisa de mestrado concluída em 2019, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), com o objetivo de compreender a atuação das professoras da educação básica no ECSO.

As contribuições e os desafios do ECSO têm sido objeto de estudo no campo da formação de professores. O estágio é considerado um instrumento fundamental nesse processo, sendo compreendido como o principal elo entre a formação universitária e o ambiente profissional. Ele ocupa um lugar central na articulação entre o conhecimento teórico e a prática profissional de forma integrada e significativa, configurando-se como um momento privilegiado de reflexão sobre a função social da profissão de professor e sua responsabilidade diante da realidade educacional, portanto, formar professores exige, de fato, uma sólida colaboração entre a universidade e a escola (Kulcsar, 1991; Cyrino e Souza Neto, 2015; Pimenta e Lima, 2017; Lüdke e Scott, 2018; Souza Neto e Militão, 2022).

Corroborando esse posicionamento, Barra (2016, p. 170) considera o estágio “[...] como ponto de cruzamento, interseção ou articulação entre teoria e prática [...]

<sup>3</sup> Todas as 16 professoras da educação básica desta pesquisa são mulheres. Por esse motivo, o texto foi redigido no feminino, como forma de respeitar a identidade das participantes e conferir maior fidelidade às vozes que compõem este estudo.



# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

disposta pela relação entre a formação inicial do estudante de pedagogia e a formação continuada do professor da escola (campo de estágio)”.

Nesse sentido, Aroeira (2017, p. 147) argumenta que os estagiários, os professores orientadores, os professores regentes da escola “[...] encontram nesse processo oportunidades para ressignificar sua identidade profissional, que está em constante construção a partir das novas demandas que a sociedade coloca para ação docente na escola”. Portanto, deve-se considerar “que um projeto consistente de estágio tem compromisso não só com a formação inicial, mas também com a formação contínua dos educadores envolvidos (escola e universidade)”.

Lüdke (2015) constata que não se explora a escola enquanto local de formação e seus sujeitos enquanto coformadores de professores, e ressalta a importância do trabalho docente, e a necessidade das instituições formadoras (escola e a universidade) se corresponsabilizarem nesse processo, pois a formação de professores não ocorre unicamente em uma instituição.

Desta forma, esta pesquisa valoriza a perspectiva das professoras da educação básica, ouvindo-as a partir das seguintes problematizações: receber e supervisionar estagiários na sala de aula é uma opção da professora da educação básica? Qual a importância que ela atribui ao seu papel na formação dos estagiários? A professora da educação básica recebe orientações para acompanhar os estagiários? Sente-se preparada para desempenhar essa função?

Além desta introdução, este trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresenta-se a metodologia, com a descrição dos procedimentos de coleta e análise dos dados; em seguida, expõem-se os resultados e a discussão; por fim, são apresentadas as considerações finais.

## 2 Metodologia

Esta pesquisa foi conduzida com base nos pressupostos da abordagem qualitativa, conforme caracterizada por Bogdan e Biklen (1994). Os dados obtidos nesse tipo de abordagem incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros que possam constituir fontes documentais. Como destacam os autores: “[...] a palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registro dos dados como para a disseminação dos resultados” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 49).

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Para compreender a atuação da professora da educação básica no processo de formação inicial dos licenciandos em Pedagogia, torna-se necessário o contato direto com elas, portanto, a entrevista foi eleita como instrumento de coleta de dados, pois “a entrevista nasce da necessidade que o investigador tem de conhecer o sentido que os sujeitos dão aos seus atos e o acesso a esse conhecimento profundo e complexo é proporcionado pelos discursos enunciados pelos sujeitos ao longo da mesma” (Aries, 2015, p. 29).

As autorizações institucionais e o projeto da pesquisa foram submetidos na Plataforma Brasil para apreciação do Conselho de Ética da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Só após aprovação do conselho, a pesquisadora foi a campo para realizar coleta de dados.

As escolas escolhidas são da rede pública do município de Jataí-GO, sendo 3 escolas que ofertam da pré-escola à primeira etapa do Ensino Fundamental e um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). As instituições foram selecionadas por receberem estagiários da universidade pública da licenciatura em Pedagogia.

As entrevistas semiestruturada foram realizadas com 16 professoras da educação básica vinculados a três escolas e um CMEI. Os dados das entrevistas foram analisados por meio da análise de conteúdo, que, conforme Bardin (1977), compreende três fases principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com interpretações. A autora destaca que a codificação do material deve resultar em um sistema de categorias, pois “[...] a categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (Bardin, 1977, p. 102).

Nesse sentido, foram adotadas as seguintes categorias para a análise das entrevistas com as professoras da educação básica, com foco em suas percepções e experiências no estágio: formação, orientação, contribuição e atuação. Essas categorias foram construídas com base nos eixos do roteiro de entrevistas e nas respostas fornecidas pelas participantes, com o objetivo de favorecer a compreensão e a sistematização dos dados.

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

### 3 Resultados e discussão

Os dados oriundos das entrevistas realizadas com as 16 Professoras da Educação Básica (PEB), identificadas por esta sigla ao longo do texto, indicam que receber e orientar estagiários em sala de aula não é, em geral, uma decisão da professora. Trata-se de uma escolha tomada pela gestão escolar, que define e comunica quais docentes irão acompanhar os estagiários. Mesmo quando não concordam, as professoras não encontram espaço institucional para recusar essa atribuição. Das participantes entrevistadas, sete (07) afirmaram que receber estagiários não é uma decisão individual, e que, embora não desejassem, aceitaram em suas salas de aula.

As demais professoras entrevistadas apontaram que recebem estagiários por opção. Entendem que esse trabalho configura um momento de compartilhamento de experiências, especialmente, de contribuir para a formação inicial do estagiário, visto que um dia elas também precisaram de um professor que estava atuando abrisse as portas de sua sala de aula para que elas pudessem fazer estágio.

A PEB-04 justificou que algumas professoras da educação básica não gostam de receber estagiários pelo receio de estarem sendo vigiadas e terem o seu trabalho criticado. Para Cyrino (2012), os estagiários chegam a ser vistos como incômodo nessa ocasião, quando estes não recebem orientações da Instituição de Ensino Superior (IES) sobre a fase de observação, chegam na escola com conduta inadequada.

As entrevistas denotam que, mesmo não sendo escolha da professora da educação básica ter estagiário em sua sala, elas recebem/acompanham, portanto, adicionam mais essa tarefa em sua jornada de trabalho. Cabe destacar que esta docente: [...] recebe os licenciandos em sua sala de aula, abrindo as portas através de uma ‘boa vontade’, já que para esta ação não há uma relação formal estabelecida nas políticas públicas. (Cyrino, 2012, p. 132).

Em âmbito nacional, e também no cenário da pesquisa, Jataí-GO, a professora da educação básica não tem um papel/função formal ou institucional na formação dos estagiários. Contata-se que a falta de vínculos formais e a indefinição de papéis geram a obliteração da atuação deste sujeito no desenvolvimento do componente curricular de ECSO, provocando uma atuação informal na formação



Realização:

Apoio:

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

dos estagiários. Assim, questiona-se: a professora da educação básica se sente preparada para receber estagiários? Recebem algum tipo de orientação?

Por meio dos dados coletados, constata-se que a maioria das professoras se sentem preparadas para este ofício, pois nove (09) entrevistadas afirmaram que se sentem preparadas, a exemplo da PEB-02: “Eu me sinto, pelo fato de ter bastante tempo de trabalho. Tenho 17 anos de trabalho. Eu comecei a trabalhar eu era bem nova. Já recebi e gosto de receber”. Denota-se que o tempo de exercício profissional associado a experiência docente confere as professoras de educação básica a base para poder orientar os estagiários.

Corroborando com essa perspectiva, três (03) professoras afirmaram que no início não se sentiam preparadas, mas hoje se sentem “Antes não, antes eu tinha medo, sabe. O primeiro ano foi no 5º ano né? Nossa, minhas pernas tremiam, porque daí o que eu lembrei, quando eu fui, né? Um dia eu fui... um dia eu fui é... estagiária, né?” (PEB-03). A PEB-03 recorre à própria trajetória, recuperando memórias vivenciadas como estagiária.

O receio de estar sendo observada causa apreensão e medo de receber possíveis críticas ao trabalho desenvolvido. Estes sentimentos marcam as falas das professoras em relação à sua primeira vivência com estagiário em sua sala de aula.

A PEB-01 compartilha do sentimento de insegurança no desempenho da tarefa de receber estagiário. Aponta que, se houvesse orientação, se sentiria mais preparada para o trabalho com estagiário. Destaca que “poderia estar assim... não, mas eu poderia estar bem mais preparada. Às vezes até o professor fica inseguro. Recebemos, é bom ajudar e contribuir. Só que às vezes fica insegura”. Quando questionada em relação à sua lembrança da primeira vez em que recebeu estagiário em sua sala de aula, a PEB-01 relata: “Eu fiquei insegura. Medo. Apesar de até hoje sinto um pouco. Mas agora é mais tranquilo. Mas a primeira vez teve o medo de a pessoa estar observando, fazer algo de que não está de acordo”.

As PEB-01, PEB-03 e PEB-16 informaram sentir insegurança, apreensão e medo nas primeiras experiências de acompanhamento de estagiários, mas que, depois das tensões e incertezas, gostaram da experiência e continuaram recebendo os estagiários. Após a primeira experiência, sentiram-se mais confiantes em desempenhar essa atividade.



# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Ainda sobre se sentir preparada para receber estagiários, duas (02) professoras consideram que esta preparação é um processo em construção: “esse preparo, ele é cotidiano, ele é do dia a dia. A gente nunca tá preparado para tudo. Mas, à medida que as situações vão acontecendo e que gente vai sendo desafiado, a gente vai criando oportunidades de aprendizagem” (PEB-07).

Outras duas (02) professoras afirmaram que não se sentem preparadas, pois não há planejamento anterior à inserção dos estagiários na escola. É comum que as professoras descubram que irão receber estagiário em suas salas quando estagiário já está na escola. A PEB-15 destaca como problema a dimensão do espaço físico da sala de aula, que não comporta a presença de um estagiário sem modificar a dinâmica da sala. Nessas condições, o “incômodo” é tanto para a professora da educação básica quanto para o estagiário, como afirma a professora, este por sua vez “tenta não atrapalhar”:

Não! Chegam e avisam: ‘olha, a partir de segunda-feira vão vir duas moças’ e eu: ‘ok’. Aliás, essa sala, que eu estou há quatro anos, ela não tem nem espaço, quando vem o estagiário ele fica em pé, não tem espaço nem para as crianças. Elas ficam em pé, lá no cantinho, tentando não atrapalhar, fica difícil (PEB-15).

Os estagiários, no caso específico da formação de professores, contribuem com a dinâmica da escola e da sala, trazendo novidades, sendo orientados e supervisionados no desenvolvimento da prática profissional, no entanto, é necessário um ambiente que oportuniza experiências formadoras. Se não há espaço para o estagiário dentro da sala, dificilmente ele irá conseguir participar e realizar suas atividades, nesse caso, apontado pela PEB-15

Indagados sobre as orientações que a professora da educação recebe por ocasião da inserção de estagiários em suas salas de aula, sete (07) professores participantes afirmaram que não recebem nenhuma orientação, os demais disseram receber orientações da direção da escola. Depreende-se, pelas falas, que a escola informa que serão recebidos estagiários, o aspecto diferente reside em receber orientações para acompanhar os estagiários. A respeito de receber orientações da universidade ou da escola, a PEB-01 aponta que “Só da escola que eles chegam e falam assim: eles vão ficar na sua sala, vai estagiar na sua sala”, o que a PEB-01



# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

considerou orientação, a para PEB-03 “Não. Só fala assim: ‘ó, vai ficar a fulana lá na sua sala te olhando dar aula’, aí, eu falo ‘tá bom’, aí fica”.

A fala das professoras entrevistadas na pesquisa expõe que não há orientação para acompanhar os estagiários, há apenas a comunicação via gestão escolar que, por sua vez, informa que as professoras estarão recebendo estagiários em suas salas, comunicado este que, pelas falas das professoras, é feito já no momento que os estagiários estão na escola, configurando uma ação de imposição sem permitir espaço para o professor recusar a presença do estagiário.

As informações dadas pelas professoras entrevistadas nessa pesquisa indicam que receber estagiários em sala de aula nem sempre é uma opção da professora da educação básica, cabendo aos gestores a tomada de decisão sobre o recebimento de estagiários, restando as professoras a comunicação da decisão. Apesar de não receber orientações para acompanhar os estagiários, as professoras da pesquisa afirmaram sentirem-se preparadas para desempenhar essa função. Mas qual seria essa função? Qual a importância que a professora da educação básica atribuiu ao seu papel para a formação dos estagiários?

As professoras entrevistadas se percebem como “mais experiente da relação” (PEB- 14), portanto acreditam que exercem papel importante na formação docente dos estagiários. A experiência foi o principal elemento citado pelas docentes entrevistadas, indicando que esse fator é garantidor para os estagiários de uma formação mais sólida e com maior contato com a realidade.

Já PEB-12 relata que a sua contribuição ocorre ao permitir os estagiários estarem observando sua aula, esse momento se torna momento de aprendizagem, “Eu acho que pela observação deles aqui, conversa, troca de experiências, né? Eles trazendo o que eles estão aprendendo de novo lá, e eu com a prática aqui, podemos ter um conhecimento eficiente, que ajude ambas as partes, é isso”. A PEB-2 afirma “Meu papel é orientar, orientação, tirar dúvidas, se precisar de ajuda eu estou sempre disposta a ajudar”.

O depoimento das professoras ilustra o que os autores (Tardif, 2011; Nóvoa, 1999) apontam sobre os saberes construídos pelos professores e validação da experiência, a professora no exercício da sua função e pelos seus processos



Realização:

Apoio:

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

formativos, podem contribuir com a formação inicial dos futuros professores, é o que defendem os autores em referência à fala das professoras culmina nesse aspecto.

Para finalizar, as professoras da educação básica seriam formadoras de professores?

Entre as entrevistadas, há: 88% ou 14 professoras que afirmaram se perceber como formadora de professores, apenas uma (6%) respondeu talvez, e uma (6%) que não. A PEB-4 aponta a importância do convívio com professores experientes, não só para o estagiário, mas também para o professor que está iniciando a carreira docente. A PEB-4 explica que os processos formativos ocorrem nessa interação em diversos momentos, como nos encontros coletivos, conselhos de classe, esses momentos que propiciam intercâmbios de experiências fazem da professora da educação básica uma formadora de professores, tanto no trabalho com estagiário, quanto ao colaborar com seu conhecimento com o professor que está iniciando na docência na educação básica.

### 4 Considerações finais

A análise das entrevistas com as 16 professoras da educação básica do município de Jataí-GO permitiu compreender de forma mais aprofundada as percepções dessas docentes acerca do ECSO e sua atuação nesse processo. Os dados evidenciam que, embora essas professoras desempenhem um papel relevante na formação inicial de licenciandos em Pedagogia, sua participação ocorre, em grande parte, de forma não planejada, informal e pouco reconhecida pelas instâncias institucionais.

Receber estagiários geralmente não é uma escolha das docentes, mas uma decisão da gestão escolar, o que revela a ausência de planejamento e diálogo entre a escola e a universidade. Mesmo sem orientações específicas, a maioria das professoras afirmou sentir-se preparada para acompanhar os estagiários, apoiando-se principalmente em sua experiência profissional. Seus relatos indicam que contribuem com a formação inicial das licenciandos, orientando, trocando experiências e proporcionando vivências reais.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 set. 2008.

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

AIRES, Luísa. Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. In: ESTEVE, José María (Org.). **Sentidos e singularidades da investigação qualitativa em educação**. Lisboa: Universidade Aberta, 2015. p. 25–49.

AROEIRA, Kelline Pereira. Estágio Supervisionado e possibilidades para uma formação com vínculos colaborativos entre a universidade e a escola. In: ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido (orgs.). **Estágios Supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. Itinerário histórico da prática de ensino/estágio: aspectos da formação de professores para a escolarização inicial. **Revista intersaber**, v. 11, n. 22, p. 156-174, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições, 1977.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CYRINO, Marina. **Formação inicial de professores**: o compromisso do professor-colaborador e da instituição escolar no processo de estágio supervisionado. Rio Claro, 2012. 233p. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual Paulista.

CYRINO, Marina; SOUZA NETO, Samuel de. O acompanhamento de estagiários de pedagogia na escola: análise e reflexão das práticas de ensino. **Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação**, v. 37, 2015.

KULCSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integrada. In: PICONEZ (coord.) **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus, 1991. p. 63-74.

LÜDKE, Menga. Estágio supervisionado: substantivo fictício? In: GATTI, Bernardete Angelina et al. **Por uma revolução no campo da formação de professores**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 171-185.

LÜDKE, Menga; SCOTT, David. O lugar do estágio na formação de professores em duas perspectivas: Brasil e Inglaterra. **Educação & Sociedade**, v. 39, n. 142, 2018.

NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, Antônio (org.) **Profissão professor**. Porto: Porto editora, 1999. p. 13-34.

SOUZA NETO, Samuel de; MILITÃO, Andréia Nunes. Estágio supervisionado e políticas públicas de formação prática: em questão, os dispositivos como processos de acompanhamento e formação docente. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, Belo Horizonte, v. 14, n. 30, p. 3–15, maio/ago. 2022. DOI: 10.31639/rbpfp.v14i30.652

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.